



TÍTULO: *Chamem a Polícia*  
AUTORIA: *Irvin D. Yalom e E. Robert L. Berger*  
EDITOR: *António Vilaça*  
Esta edição © 2009 Edições Saída de Emergência

TRADUÇÃO: *Luís Coimbra*  
REVISÃO: *Rosa Vilaça*  
COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*  
DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Guide - Artes Gráficas, Lda.*  
1ª EDIÇÃO: *Outubro, 2009*  
ISBN: *978-989-637-152-4*  
DEPÓSITO LEGAL: *300242/09*

*Camões & Companhia é uma marca registada das Edições Saída de Emergência*  
*Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal*  
TEL E FAX: *214 583 770*  
WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

# Chamem a Polícia

Irvin D. Yalom  
e E. Robert L. Berger

Tradução de Luís Coimbra

**P**erto do fecho do banquete de despedida da minha quinquagésima reunião de finalistas da Faculdade de Medicina, Bob Berger, meu amigo de longa data, único que me restava do tempo da Universidade, indicou-me com um gesto que tínhamos de conversar. Embora houvéssemos seguido rumos profissionais diferentes, ele no ramo da cirurgia cardiotorácica e eu no da cura discursiva de corações despedaçados, tecêramos um laço forte entre nós, que ambos sabíamos destinado a durar para toda a vida.



Quando Bob me pegou no braço para me chamar à parte, percebi que se passava algo de importante. O Bob raramente me tocava. Nós, os psiquiatras, reparamos nessas coisas. Inclinou-se para o meu ouvido e sussurrou numa voz áspera:

— Passa-se algo de grave... o passado está a entrar em erupção... as minhas duas vidas, a nocturna e a diurna, começam a misturar-se. Preciso de falar contigo.

Entendi-o bem. Desde a sua infância, passada na Hungria, durante o Holocausto, Bob vivera duas vidas: uma vida diurna como cirurgião cardiorácico afável, dedicado e infatigável, e outra vida nocturna em que fragmentos de memórias horríficas lhe atropelavam os sonhos. Eu sabia tudo sobre a sua vida diurna, mas nos nossos cinquenta anos de amizade ele nunca revelara nada da nocturna. Tampouco alguma vez lhe ouvira um pedido explícito de auxílio: Bob era reservado, misterioso e enigmático. Agora era um Bob diferente, este que me segredava ao ouvido. Acenei com a



cabeça que sim, claro. Fiquei preocupado. E curioso.

É estranho que nos tenhamos tornado amigos na Faculdade de Medicina. Berger era um bê e Yalom um ípsilon, o que deveria ter bastado para separar-nos. Habitualmente, os alunos de medicina escolhem os amigos de entre a sua própria parte do alfabeto: os parceiros na dissecação de cadáveres, e os colegas de laboratório e de estágio clínico são escolhidos por ordem alfabética, e eu costumava dar-me sobretudo com o grupo do S ao Z – Schelling, Siderius, Werner, Wong e Zuckerman.

Talvez tenha sido por causa da aparência invulgar de Bob. Desde cedo, os seus olhos de azul vivo chamaram-me a atenção. Nunca tinha conhecido um olhar tão trágico e distante como aquele, um olhar que me apelasse, que cativasse o meu sem que os dois alguma vez efectivamente se cruzassem. O seu rosto, longe de ser uma cara vulgar, parecia ter traços cubistas, repleto de esquinas apertadas, com nariz e



queixo angulosos, bem como as orelhas. A sua pele, marcada pela lâmina de barbear, era pálida. Não apanhava sol suficiente, pensei. Não comia cenoura. Não fazia exercício.

Usava roupa amarrotada em tons neutros de castanho-acinzentado (nunca o vi vestir uma cor garrida). No entanto, cativou-me. Mais tarde ouviria dizer a certas mulheres que o achavam irresistivelmente malparecido. Irresistível será um termo demasiado forte, mas interessante talvez. Sim, fiquei fascinado com ele: no meu liceu provinciano em Washington DC e na faculdade, nunca conhecera ninguém que se parecesse minimamente com o Bob.

O nosso primeiro encontro? Lembro-me bem de como foi. Eu estudava na biblioteca da Faculdade de Medicina, onde ele passava as noites a fazer pesquisa bibliográfica para o manual de patologia do Professor Robbins (obra destinada a um futuro risonho, texto que instruiu, e continua a instruir, gerações de médicos por

todo o mundo). Numa noite, na biblioteca, veio ter comigo e informou-me de que eu já tinha estudado o suficiente para o exame de nefrologia no dia seguinte.

— Queres ganhar uns trocos? — perguntou-me. — O Robbins deu-me demasiado trabalho e preciso de ajuda.

Aceitei sem pensar duas vezes. Além do pouco que ganhava com a venda do meu sangue e do meu esperma – a fonte rápida de rendimentos rápidos mais típica entre os estudantes de medicina –, era totalmente sustentado pelas receitas da mercearia dos meus pais.

— Porquê eu? — perguntei-lhe.

— Tenho estado a observar-te.

— E?...

— E és capaz de ter potencial.

Não tardou que começássemos a passar três ou quatro noites por semana a trabalhar lado a lado para o Dr. Robbins na biblioteca de medicina da Universidade de Bóston, ou então no meu apartamento, fosse a estudar ou a conversar. Geralmente,



quem estudava era eu – o Bob parecia não precisar disso. Além do mais, estava sempre entretido com as paciências de cartas que fazia horas a fio, afirmando por vezes que contavam para o campeonato de Nova Inglaterra e, por outras, que eram para o campeonato mundial.

Passado pouco tempo, descobri que ele era um refugiado de guerra, que sobrevivera ao Holocausto e fora expatriado sozinho para Bóston aos dezassete anos.

Lembrei-me de mim próprio aos dezassete – rodeado de amigos, acarinhado pela família, preocupado com gravatas largas, com a falta de jeito para dançar e com politiquices de república estudantil. Senti-me ingénuo, fraco, mole.

— Como é que conseguiste, Bob? Quem te ajudou? Sabias falar inglês?

— Nem uma palavra. Tinha o equivalente ao oitavo ano de escolaridade quando me matriculei na Boston Latin High School, passado um ano era caloiro em Harvard e depois segui para a Faculdade de Medicina.



— Como? Tenho a certeza que, se me tivesse candidatado, não teria conseguido vaga em Harvard. Onde é que moravas? E com quem? Tiveste quem te apadrinhasse? Tinhas cá família?

— Tantas perguntas. Fiz tudo sozinho – a resposta é essa.

Na nossa cerimónia de formatura, lembro-me de estar rodeado dos meus pais, da minha esposa e do nosso filho, e de ver o Bob ali sozinho, afastado para um canto, a balançar ligeiramente para trás e para a frente com o diploma fechado na mão. Depois de se formar, fez o internato geral, seguido de um estágio em cirurgia geral e depois outro em cirurgia cardiotorácica. Assim que concluiu a especialização, foi convidado para o cargo de Chefe do Serviço de Cirurgia Cardiotorácica num hospital universitário de Bóston, e cinco anos mais tarde tornou-se Professor de Cirurgia e Director do Serviço de Cirurgia Cardiotorácica na Universidade de Bóston. Publicava trabalhos a um ritmo furioso, leccionava e



operava sem descanso. Foi o primeiro de sempre a fazer o transplante de um coração parcialmente artificial com sobrevivência a longo prazo. E tudo isto completamente abandonado neste mundo – perdera todos os laços que tinha no Holocausto.

No entanto, nunca falava do seu passado. Eu mal podia conter a curiosidade, por nunca ter conhecido ninguém que tivesse vivido em primeira-mão o terror dos campos de concentração, mas ele esquivava-se das minhas perguntas acusando-me de *voyeurismo*.

— Se te portares bem — provocava-me —, talvez te conte mais.

Eu portei-me bem, mas passaram-se anos antes de ele se dignar a responder a perguntas sobre a guerra. Quando chegámos à casa dos sessenta, apercebi-me de uma mudança. Em primeiro lugar, parecia mais aberto e disposto a conversar, e em segundo, com o correr dos anos, começou a mostrar-se quase ansioso por me falar dos horrores do passado.

Mas estaria eu preparado para escutá-lo? Será que alguma vez estivera? Só depois de ter iniciado a especialização em psiquiatria, depois de me ter começado a analisar a mim próprio e de ter aprendido a dominar algumas das subtilezas da comunicação interpessoal, percebi um aspecto essencial da minha relação com o Bob. Como se não bastasse o Bob manter-se mudo sobre o passado, também eu não queria verdadeiramente saber o que ele escondia. Ambos contribuímos para o seu silêncio prolongado.

Lembro-me de em adolescente ter ficado paralisado, horrorizado e revoltado com as imagens que documentavam a libertação dos campos nos noticiários do pós-guerra. Queria vê-las, sentia-me no dever de fazê-lo. Aquele era o meu povo – eu *tinha* de olhar. Porém, sempre que o fazia era abalado até ao cerne, e até hoje sou incapaz de impedir a intrusão daquelas imagens cruas – do arame farpado, o fumo a sair dos fornos, as figuras esquelé-



ticas dos poucos sobreviventes vestidos de trapos às riscas. Tive sorte: podia ter sido um daqueles esqueletos se os meus pais não houvessem emigrado antes da subida dos nazis ao poder. E o pior de tudo eram as imagens de retroescavadoras a empurrarem vastos amontoados de corpos. Alguns daqueles corpos pertenciam à minha família: a irmã do meu pai fora assassinada na Polónia, tal como a esposa do Tio Abe e os seus três filhos. Este veio para os Estados Unidos em 1937, com a intenção de mandar trazer a família depois, mas foi tarde de mais.

As imagens provocavam em mim um tal terror e geravam fantasias tão violentas que mal podia suportá-las. Quando me invadiam o espírito à noite, acabava-se o sono. Ainda por cima eram indeléveis: nunca mais se esvaneciam. Muito antes de ter conhecido o Bob, decidi não acrescentar mais imagens dessas ao *portfolio* que guardava na mente e comecei a evitar filmes e descrições escritas do Holocausto.



De tempos a tempos, fiz um esforço por encarar a História com maior maturidade, mas nunca fui capaz. Obriguei-me a ir ao cinema para ver filmes como *A lista de Schindler* e *A escolha de Sofia*, mas nunca suportei assistir a mais de trinta a quarenta minutos e saí sempre com votos redobrados de evitar aquela angústia no futuro.

Os poucos incidentes que o Bob partilhou comigo foram terríveis. Ficou-me gravado na memória um episódio que me contou há vinte anos, sobre o seu grande amigo Miklos. Quando Bob, então com catorze anos de idade, morava disfarçado de cristão em Budapeste e trabalhava para a Resistência, encontrou-se por acaso com Miklos, a quem não via há vários meses. Bob ficou espantado com o aspecto do amigo: tinha um ar macilento e esfarrapado, como se acabasse de fugir de um gueto ou de saltar de um comboio rumo a Auschwitz. Avisando Miklos de que certamente seria apanhado num instante pelos nazis, Bob insistiu com o amigo para que



o acompanhasse e aceitasse asilo temporário, uma muda de roupa, e documentos de identificação cristãos falsificados. Miklos anuiu e disse que primeiro tinha de ir a algum lado, mas que voltaria ali duas horas mais tarde. Bob tornou a avisá-lo do perigo e rogou-lhe que viesse já, mas Miklos insistiu que tinha de se encontrar com alguém sobre um assunto urgente.

No entanto, perto da hora marcada para se encontrarem, soaram as sirenes de alarme de bombardeamento aéreo e toda a gente foi evacuada das ruas. Passados noventa minutos, assim que tocou o sinal de que o perigo passara, Bob apressou-se para o ponto de encontro mas Miklos nunca mais apareceu.

Acabada a guerra, veio a saber a sina de Miklos da boca do seu antigo professor de ginástica, Karoly Karpati, um judeu que fora imune às leis anti-judaicas por ter ganhado uma medalha de ouro para a Hungria, como lutador de luta livre nos Jogos Olímpicos de Berlim. Logo depois do sinal de

fim do perigo, a esposa de Karpati estava a sair do abrigo anti-bomba quando viu um grupo de nazis arrastar um jovem para o vestíbulo do prédio onde morava. Reconheceu nele Miklos e ficou a assistir de longe. Os nazis baixaram-lhe as calças e, vendo que era circuncidado, encheram-no de tiros na barriga. Miklos ficou a sangrar muito, mas ainda estava consciente e rogou que lhe dessem água. A Sr.<sup>a</sup> Karpati tentou dar-lhe de beber, mas os nazis afastaram-na com um empurrão. Ficou a rondar por ali durante uma ou duas horas até ele ter morrido de hemorragia. Bob terminou a sua história da forma característica: culpando-se por não ter obrigado Miklos a partir com ele imediatamente.

Essa história assombrou-me durante muitos anos. Muitas foram as noites que passei em branco, com o coração a martelar, enquanto o espectáculo do assassinato de Miklos se desenrolava uma e outra vez no cinema da minha imaginação.

Assim sendo, depois de os nossos co-



legas terem saído finalmente do salão de banquetes do hotel com um coro de: «um dia destes bebemos um copo» e «até logo» – embora todos aqueles rapazes encarquilhados, com setenta e cinco anos e cabelos brancos, estivessem perfeitamente cientes de que provavelmente nunca mais tornariam a ver-se –, encontrámos um canto sossegado no bar do hotel para conversarmos. Pedimos vinho com soda para os dois e o Bob começou a contar a sua história.

— Na semana passada, fui em negócios a Caracas.

— A Caracas? Porquê? Estás maluco? Com aquelas confusões políticas todas?

— A ideia era mesmo essa. Mais ninguém do nosso grupo queria ir. Julgava-se que era demasiado perigoso.

— E era mais seguro para ti – um velho de setenta e cinco anos, meio coxo, com três *stents* no coração?

— Afinal queres ouvir a história, ou preferes armar-te em terapeuta com o único amigo que tens?

Ele tinha toda a razão. Eu e o Bob sempre gostámos de nos metermos um com outro. Era uma forma de estar exclusiva da nossa relação. Não fazia o mesmo com nenhum dos meus outros amigos. Tenho a certeza que essas brincadeiras eram um sinal de grande afecto entre nós; talvez a única forma que encontrámos de nos aproximarmos. As feridas deixadas pela infância dele e pelo muito que perdera tinham-no tornado incapaz de se mostrar vulnerável, ou de exprimir abertamente a sua amizade.

Sem conseguir encontrar paz ou segurança, trabalhara sempre a um ritmo alucinante, passando pelo menos setenta a oitenta horas por semana na sala de operações, ou a prestar cuidados pós-operatórios. Embora ganhasse bem a fazer duas a três cirurgias cardíacas por dia, o dinheiro merecia-lhe pouca importância: levava uma vida frugal e doava o grosso dos seus rendimentos a Israel ou a caridades relacionadas com o Holocausto. Em honra

